

Memórias que o vento *não* levou: A casa e o fogo em *Beloved*

Profa. Dra. Bárbara Inês Ribeiro Simões Daibert ¹

RESUMO: Este trabalho investiga a persistência de casas mal-assombradas e a presença do fogo na literatura de Toni Morrison. Nesta proposta, serão abordados especificamente os lares assombrados desenhados por Toni Morrison, autora afro-americana, em seu romance *Beloved*, em sua relação com o fogo. A partir da memória do trauma da escravidão e de suas marcas, propõe-se uma discussão teórica sobre a questão da renegociação do espaço pelas minorias suprimidas no processo de formação nacional e a recuperação do passado como reconstrução de novos sentidos.

Palavras-chave: Casa; Fogo; Escravidão

Nosso objetivo está claro agora: pretendemos mostrar que a casa é uma das maiores (forças) de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem. (BACHELARD, 2000, p.26)

Em *A poética do espaço*, Bachelard (2000) analisa a casa relacionando-a à intimidade do homem-morador. Sua perspectiva, entretanto, é contrária à que iremos abordar aqui. Enquanto este autor parte da casa como aconchego e proteção, partiremos da idéia de que as paredes da construção podem oprimir seu habitante e abrigar seres estranhos.

Apesar disso, com desdobramentos diferentes, podemos considerar algumas das questões discutidas por Bachelard sobre a casa, sobretudo em sua relação com o tempo e a memória. Segundo Seligmann-Silva,

Entra em colapso na nossa era de catástrofes e de genocídios a própria noção de evolução linear da história (...) a concepção linear do tempo é substituída por uma concepção topográfica: a memória é concebida como um local de construção de uma cartografia, sendo que nesse modelo diversos pontos do mapa mnemônico entrecruzam-se, como em um campo arqueológico ou em um hipertexto. (SELIGMANN-SILVA, 2005, p.79)

¹ Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense. Professora PRODOC (CAPES) no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Se a memória pode articular-se ao espaço, como afirma Bachelard, a casa seria então o lugar primordial onde as primeiras lembranças (traumáticas ou não) da vida se fixariam no sujeito. A casa natal, cosmos primeiro, pequeno e íntimo mundo, estaria, assim, através das lembranças, sempre inserida em seu morador, sempre habitada por ele em seu imaginário.(BACHELARD, 2000, p.24)

Dentre as muitas narrativas em que a casa aparece como lugar de memória de um tempo não levado pelos ventos do progresso, *Beloved*, de Toni Morrison, destaca-se por apresentar uma casa com uma personalidade. A 124, casa de ex-escravos, assombrada, assim, é o lugar onde a narrativa se desenvolve e é resgatada através da memória. Obstáculo contra o esquecimento, a casa 124, nas margens de Cincinnati, é tão assombrada quanto o projeto de progresso do país norte-americano, que, “caminhando em frente”, vê-se obrigado a olhar para trás, mirando-se em um dos cacos da História retomado por Toni Morrison em *Beloved*, romance escrito em 1988 que retoma os anos finais da escravidão nos EUA.

Toni Morrison constrói o romance a partir de um recorte de jornal encontrado em um arquivo, em que Margaret Garner – uma escrava fugitiva –era acusada de matar a filha com uma serra na garganta para livrá-la da escravidão. Morrison retoma a história de Garner e a transforma em Sethe, liberta após a guerra de Secessão e habitante de uma casa assombrada pelo fantasma da filha degolada anos antes, em sua tentativa de fuga. Mais do que assombrada, entretanto, a casa 124 parece estruturar a narrativa do romance.

É assim que vemos, já no fim de *Beloved*, o abolicionista branco Bodwin aproximando-se da casa de sua infância, a 124, e ao mesmo tempo se lembrando de coisas passadas. A casa desperta suas lembranças de infância, mas também outras, vividas em outros tempos e lugares – lembranças ruins de uma luta contra a escravidão que se tornara difícil e um sentimento de profunda desilusão com o presente:

He had not seen the house for thirty years. Not the butternut in front, the stream at the rear nor the block house in between. (...) But he did remember that the cooking was done behind the house (...) that women died there: his mother, grandmother, an aunt and an older sister (...) He felt something sweeter and deeper about the house which is why he rented it for a little something if he could get it, but it didn't troubled him to get no rent at all since the tenants at least kept it from the disrepair total abandonment would permit. (...) Those heady days were gone now; what remained was the sludge of ill will; dashed hopes and difficulties beyond repair. (...) As he drew closer to the old homestead, the place that continued to surface in his dreams, he was even more aware of the way time moved. (...) But measured by the burial of his private things it was the blink of an eye. Where, exactly, was the box of tin soldiers?² (MORRISON, 1988, p. 161)

² Todas as traduções transcritas em pé de página nesse artigo foram retiradas da edição brasileira do romance. MORRISON, Toni. *Amada*. Tradução de Evelyn Key Massaro. São Paulo: Nova Cultural, 2000. Não via a casa há trinta anos, nem a árvore na frente nem o riacho atrás,(...) Mas recordava-se da cozinha dos fundos (...), das

Por outro lado, vemos rolar diante dos olhos da ex-escrava Sethe a fazenda Sweet Home “em uma beleza desavergonhada”, embora a personagem se esforce para esquecê-la. (MORRISON, 2000, p. 15) Enquanto a lembrança dos filhos apaga-se a cada dia, a imagem da fazenda permanece nítida em cada detalhe, perseguindo seus sonhos com lindos sicômoros³ onde aparece um negro enforcado e sem cabeça. A beleza dos sicômoros da fazenda contrasta com a cena do enforcamento do escravo Paul A, e é recorrente na memória dos que sobreviveram à Sweet Home.

Em *Beloved*, a única personagem do núcleo de protagonistas que parece escapar da memória da fazenda é Denver, filha de Sethe, nascida já fora, nas margens do rio Ohio. Incapaz de compreender a recorrência de Sweet Home na vida de sua mãe, Denver se irrita com a menção repetida à fazenda:

‘How come everybody run off from Sweet Home can’t stop talking about it? Look like if it was so sweet you would have stayed’
 ‘It comes back whether we want it to or not.’ She shivered a little. A light ripple of skin on her arm, which she caressed back into sleep. ‘Denver’, she said ‘start up that stove.’⁴
 (MORRISON, 1988, p.14)

Se Denver escapa parcialmente da memória do lugar onde sua mãe trabalhou até 1856, por outro lado a sua própria casa, a 124, onde residem os ex-escravos e seus traumas, é cheia de algo que não deve ser esquecido. Toni Morrison, no prefácio da edição de seu livro *Amada* recentemente traduzido no Brasil declara que

A figura mais central da história teria de ser ela, a assassinada, não a assassina, aquela que perdeu tudo e não tivera nenhuma opção em nada. Ela não podia ficar do lado de fora; tinha de entrar na casa. Uma casa de verdade, não uma cabana. Uma casa com endereço, onde antigos escravos vivessem independentes. Não haveria saguão nessa casa, e não haveria nenhuma “introdução” nem para a casa, nem para o romance. (...) Era importante dar nome a essa casa, mas não do jeito que “Doce Lar” ou outras plantações tinham nomes. (...) Ao mesmo tempo uma casa que tem, literalmente, uma personalidade – que chamamos de “assombrada” quando essa personalidade é ostensiva. (MORRISON, 2007, p.12)

mulheres que tinham morrido ali: a mãe, a avó, a tia e a irmã mais velha.(...) Sentia algo doce e profundo pela casa, e por isso a alugava por um preço mínimo, só para não deixa-la cair em ruínas.(...) Aqueles dias de luta impetuosa não existiam mais; o que restara era o peso da má vontade: esperanças caídas por terra e dificuldades irreparáveis.(...) Enquanto se aproximava de sua antiga casa, tomava mais consciência ainda da passagem do tempo.(...) Onde estaria aquela lata cheia de soldadinhos de chumbo? Lembrava-se de que a enterrara em algum lugar... (trad. MASSARO, 2000, p.304)

³ O Sicômoro (*sicamore*) é uma figueira nativa de regiões tropicais e meridionais da África. No livro *Beloved*, há diversas referências à existência da planta na fazenda Sweet Home, em torno da casa-grande.

⁴ Por que todos que fugiram de Sweet Home não conseguem parar de falar sobre a fazenda? Se era tão bom assim, vocês deveriam ter ficado lá... (...)Ela volta à nossa memória, quer queiramos ou não. – Sethe estremeceu um pouco. Um leve arrepio tomou conta de seu braço. – Denver – falou – acenda o fogo. (trad. MASSARO, 2000, p. 24)

A principal casa assombrada do romance de Morrison é a 124, e na primeira frase o leitor é realmente jogado ali dentro: “124 was spiteful. Full of a baby’s venom.” (MORRISON, 1988, p.3)⁵ Essa casa, que, como afirma a autora, tem um nome e uma personalidade, é o lugar em que a maior parte da história se desenrola, em *flashbacks*, e por isso remetendo a uma outra casa – a fazenda Sweet Home. Sweet Home estaria, então, contida e dentro da 124, e o nome desta última relacionado diretamente à sua personalidade.

Se pensarmos nos filhos de Sethe, Howard, Buglar e Denver, temos uma possível explicação: 1, 2... e 4. O número 3 está faltando, a filha morta, a terceira criança. O nome da casa aponta para a falta de Beloved, que, no entanto, a ocupa de outras maneiras. Morta com uma serra na garganta aos nove meses de idade – antes ainda de ter adquirido a fala – a menina assombra a casa com ruídos, não com palavras. Quando retorna em carne e osso, sua fala é destroçada, e a casa continua habitada por sons, não por palavras. Mas que sons seriam esses?

Stamp Paid, um dos negros da vizinhança da 124, ao se aproximar e pensar em bater à porta, escuta o que lhe parece ser uma “parede de vozes”, percebendo que a linguagem indecifrável que ressoava em torno da casa eram os resmungos irados de negros mortos. Apesar de não conseguir decifrar nenhuma palavra, acreditava saber quem as proferia: “the people of the broken necks, of fire-cooked blood and black girls who had lost their ribbons. What a roaring.” (MORRISON, 1988, p. 181)⁶ A 124 é, assim, um lugar habitado por muitas vozes de outros se manifestando na voz de Beloved. Podemos afirmar que ela está cheia de vozes, traumas passados e memórias. Os homens não suportam a presença dos fantasmas e fogem. Tal é a atitude de Howard, Buglar e, mais tarde, de Paul D. As mulheres no entanto permanecem. Permanecer é, segundo Baby Suggs, a única alternativa, já que não pode haver casa sem fantasmas em um país onde a escravidão foi uma realidade: “Not a house in the country ain’t packed to its rafters with some dead Negro’s grief.”⁷ (MORRISON, 1988, p. 5). Segundo a negra, Sethe tem sorte de que aquele seja o fantasma de um bebê, pois poderia ser pior. Cercadas de ruídos, as moradoras são impossibilitadas de viver seu cotidiano de escravas sossegadamente. Seu passado está dentro da 124, e ainda que haja esforço para tentar

⁵A 124 era rancorosa. Cheia da maldade de um bebê. (trad. MASSARO, 2000, p.11)

⁶ “[a]s pessoas de pescoço quebrado, de sangue cozido na fogueira, e meninas negras que haviam perdido suas fitas. Um vozerio ensurdecador.” (trad. MASSARO, 2000, p.211)

⁷ “Não existe uma casa no país que não esteja cheia da dor de algum negro morto.” (trad.MASSARO, 2000, p. 14)

afastá-lo ou baní-lo, a própria casa o desperta a cada instante, a ponto de parecer ela também conspirar contra um possível esquecimento.

De fato, a força que reside na 124 é tão grande que em várias passagens ela é descrita como uma pessoa, e não como um ser inanimado: Shivering, Denver approached the house, regarding it, as she always did, as a person rather than a structure. A person that wept, sighed, trembled and fell into fits.⁸ (MORRISON, 1988, p.29). Referindo-se a uma das manifestações de *Beloved*, a narradora relata que “a casa gritava”, e Sethe, de quatro no chão, segurava a casa com suas mãos. (MORRISON, 1988, p.29). Assombrada, e ao mesmo tempo parte de Sethe, a casa não pode ser deixada para trás, como sugere Paul D, já que, segundo a ex-escrava, sua existência e a da casa se misturam: “this here’s all there is and all there needs to be.”⁹ (MORRISON, 1988, p.183)

Antes de visitar outras casas igualmente assombradas das outras narrativas, alguns pontos ainda deste estranho lugar onde vivem os ex-escravos após a guerra de Secessão merecem especial cuidado. Vejamos como estão dispostos os cômodos na 124. Sendo um sobrado, há dois quartos no andar de cima e dois no de baixo. A escada que liga os dois andares, lugar preferido da menina *Beloved* que já engatinhava, fora pintada de branco, para que ela pudesse ver até em cima. Dezoito anos depois, quando Paul D. visita a casa, percebe algo de misterioso:

Out of the dimness of the room in which they sat, a white staircase climbed toward the blue-and-white wallpaper of the second floor. Paul D could see just the beginning of the paper; discreet flecks of yellow sprinkled among a blizzard of snowdrops all backed by blue. The luminous white of the railing and steps kept him glancing toward it. Every sense he had told him the air above the stairwell was charmed and very thin. (MORRISON, 1988, p.11)¹⁰

Não pertencendo àquele lugar, Paul D. é capaz entretanto de intuir seu aspecto assombrado, e a escada branca lhe chama especial atenção. Recorrendo mais uma vez à *Poética do espaço*, Bachelard destaca a escada em uma função de remeter aos valores íntimos de verticalidade do habitante. Segundo ele, a casa com dois andares possui verticalidade, subir e descer é um ato que fazemos na escada ao mesmo tempo que, interiormente, descer e subir os degraus pode ser o mesmo que descer e subir nas lembranças. (BACHELARD, 2000, p.36)

⁸ Estremecendo de frio, Denver aproximou-se da casa, encarando-a, como sempre fazia, como uma pessoa. Uma pessoa que chorava, suspirava, tremia, tinha ataques. (trad. MASSARO, 2000, p.42)

⁹ “Meu mundo é esta casa. Isto aqui é tudo o que existe e tudo o que precisa existir”. (trad MASSARO, 2000, p. 213)

¹⁰ Saindo da penumbra da cozinha, uma escada branca subia para o papel de parede azul e branco do segundo andar. Paul D podia ver seu início; discretas manchas amarelas salpicadas contra uma tempestade de flocos de neve num fundo azul. O branco luminoso do corrimão em um dos degraus atraía seu olhar. Todos os seus sentidos o alertavam de que o ar acima deles eram enfeitado e muito rarefeito. (trad. MASSARO, 2000, p.21)

Nesse sentido, é ao menos sintomático que o lugar preferido da menina Beloved fosse a escada em um momento em que ela já engatinhava, ou seja, estava prestes a conquistar sua posição vertical, de pé.

Ainda um segundo aspecto chama a atenção na 124: sua ausência de cores. Aqui mais uma vez a casa se identifica com a sua moradora, Sethe, que afirma que o vermelho do sangue de sua filha degolada e o cor-de-rosa da lápide haviam sido fortes demais. Depois disso, ela parecia não ver ou não querer mais nenhuma cor em sua vida. Assim também é a 124, em que:

There wasn't any except for two orange squares in a quilt that made the absence shout. The walls of the room were slate-colored, the floor earth brown, the wooden dresser the color of itself, curtains white, and the dominating feature, the quilt over an iron cot, was made up of scraps of blue serge, black, brown and gray wool ...¹¹ (MORRISON, 1988, p. 38)

As únicas cores da casa são sombrias ou luminosas, remetendo diretamente a aspectos fantasmáticos. Por último, e com atenção, guardamos algumas descrições curiosas da casa 124 para uma investigação mais atenta.

Robert Slenes, historiador norte-americano da escravidão radicado no Brasil, no livro *Na senzala uma flor*, desenvolve um belo estudo sobre a casa ou a cabana escrava e suas relações com as casas africanas. A partir de um relato do viajante francês do século XIX, Charles Ribeyrolles, Slenes desenvolve sua tese. Antes de comentá-la, vamos ao relato de Ribeyrolles.

Para Charles Ribeyrolles, não havia família escrava nas senzalas. Se um galho de roseira seco poderia fazer um trabalhador francês lembrar-se da pátria, da noiva ou da mãe, na senzala jamais se viu uma flor – "lá não existem nem esperanças nem recordações." (RIBEYROLLES 1859 apud SLENES, 1999) Após viagem a fazendas fluminenses, o francês escreve que a escravidão, de tão cruel, havia dilacerado completamente o senso de família nos escravos. Havia, segundo ele, muita promiscuidade entre os cativos, que viviam confinados como animais, sem laços familiares na maioria das vezes, e em suas cabanas ou senzalas (o que às vezes era a mesma coisa) não se encontrava sequer uma recordação, um símbolo de aconchego ou lar, um enfeite ao menos que fizesse daqueles locais verdadeiros lares. Não havia flores nas senzalas, vasos, pequenos canteiros, ramalhetes sobre uma mesa, nada. As cabanas eram pequenas, e, quando feitas pelo próprio escravo, eram construídas sem

¹¹ Exceto dois quadrados alaranjados num acolchoado, todo o resto não passava de uma gritante ausência de colorido. As paredes do cômodo cinzentas, o assoalho marrom-terra, a camiseira de madeira, as cortinas brancas e o acolchoado sobre a pequena cama de ferro feito de retalhos de sarja azul, lã preta, marrom e cinzenta... (trad. MASSARO, 2000, p.53)

janelas ou com janelinhas muito próximas ao teto, cabanas apertadas, o que, segundo o viajante, se explicava pelos muitos anos de cativeiro que haviam habituado os negros ao confinamento em pequenos espaços. Dentro de cada cubículo daqueles, fosse na senzala tipo pavilhão ou na senzala-cabana, havia sempre uma fogueira – acesa dia e noite – o que tornava o ar dentro das cabanas insuportável, insalubre para os padrões franceses de conforto.

Slenes, entretanto, discute e problematiza a visão de Ribeyrolles, afirmando a existência da “flor” na senzala, que o francês etnocêntrico jamais poderia ter visto. Segundo o historiador, as cabanas, quando feitas pelo próprio escravo, remetiam à arquitetura africana, com as janelinhas bem próximas ao teto e pequenas, ou inexistentes. A maioria das atividades se desenrolava do lado de fora da casa, e a presença do fogo, essencial, não atrapalhava. O fogo era indispensável também nas casas africanas, e sua permanência nas senzalas do Novo Mundo atesta que as tradições e laços familiares não foram totalmente extirpados, nem com a dura viagem pelo Atlântico, nem com os terríveis anos de cativeiro. Slenes argumenta que o fogo tinha funções práticas – afugentava formigas e mosquitos, mantinha a cabana aquecida, a fumaça e fuligem acumuladas no teto serviam de verniz e enxotavam os cupins. (SLENES, 1999, p. 238) Fora a função prática, e para além dela, havia ainda a função sagrada. Para o povo ovimbundu, por exemplo, o fogo simbolizava a continuidade da autoridade do chefe político. Quando este falecia apagava-se o fogo (que também morria) e só se acendia outro depois de escolhido o novo chefe. Em muitas outras sociedades africanas da região Congo-Angola, a fogueira acesa era parte do culto aos ancestrais e simbolizava a continuidade da linhagem. O chefe que cuidava do fogo seria assim o mediador entre o povo e os ancestrais, e o fogo o símbolo desta mediação (*mpangu*). No mesmo sentido, fogo e fumaça serviam para manter satisfeitos os espíritos capturados em estátuas, responsáveis pela proteção contra o infortúnio e manutenção da saúde, e a fumaça era então um meio de comunicação entre os espíritos e os vivos (*nsundi*). (SLENES, 1999, p.242) Segundo o historiador, essas práticas eram, por séculos, largamente difundidas em toda a África Central. (SLENES, 1999, p.239)

Estudando a escravidão em fazendas do sudeste brasileiro e do sul dos Estados Unidos, Slenes afirma que “ao ligar o lar aos 'lares' ancestrais, [o fogo] contribuía para ordenar a comunidade - a senzala - dos vivos e dos mortos.” (SLENES, 1999, p. 253) Em outras palavras, o historiador atesta a existência da flor nas senzalas: o fogo. Segundo Jack Godoy, nas sociedades africanas as flores raramente tinham função decorativa e eram pouco valorizadas como símbolos, ao contrário da sociedade francesa do século XIX, onde havia um verdadeiro culto ao uso prático e simbólico das flores. (SLENES, 1999, p. 131) Desta forma, as recordações familiares, lembranças e esperança estavam nas senzalas e cabanas, mas

passaram despercebidas por muitos olhares, como o de Charles Ribeyrolles. Mas vejamos como Morrison desenhou as flores nas senzalas de *Beloved*.

As cabanas dos escravos aparecem em poucos trechos do livro, a descrição é econômica, mas é relatada a presença do lume na cabana onde Sethe e Halle vivem com os filhos: “Halle’s woman. Pregnant every year including the year she sat by the fire telling him she was going to run.(...)Even in that tiny shack, leaning so close to the fire you could smell the heat in her dress.”¹²(MORRISON, 1988, p.9)

Voltando finalmente ao sobrado¹²⁴, vemos sua curiosa descrição:

The room we sleep in upstairs used to be where the help slept when whitepeople lived here. They had a kitchen outside, too. But Grandma Baby turned it into a woodshed and toolroom when she moved in. And she boarded up the back door that led to it because she said she didn’t want to make that journey no more. She built around it to make a storeroom, so if you want to get in 124 you have to come by her. Said she didn’t care what folks Said about her fixing a two-story house up like a cabin where you cook inside. She said they told her visitors with nice dresses don’t want to sit in the same room with the cook stove and the peeling and the grease and the smoke. She wouldn’t pay them no mind, she said. ¹³ (MORRISON, 1988, p.207)

A 124 não é mais uma senzala, mas um sobrado de brancos alugado para ex-escravos. Embora sem cores, cinzenta, a casa abriga o fogo das cabanas escravas. Esse fogo não é mero detalhe na narrativa, e é tão importante na representação da casa dos ex-escravos, que aparece em dois outros romances de Morrison. Saindo novamente da 124, para depois retornar a ela, vale a pena evocá-los.

O olho mais azul (The bluest eye) traz como protagonista uma família paupérrima de afro-americanos residente em Lorain, Ohio, nos anos 1940. Os Breedlove vivem em um pequeno cômodo alugado, na parte da frente de uma loja, e o resumo da descrição de sua casa triste e pobre é que:

Não havia recordações entre aqueles móveis. Certamente nenhuma recordação a ser acalentada.(...) a única coisa viva na casa dos Breedlove era o fogareiro a carvão, que tinha vida independente de tudo e de todos. Apagava ou acendia a critério próprio, embora a família o alimentasse e conhecesse todos os detalhes de manutenção: borrar, não umedecer, não

¹² A mulher de Halle. Grávida todos os anos, até mesmo naquele em que se sentara perto do fogo lhe dizendo que ia fugir. (...) Mesmo naquela cabana pequenina, inclinando-se tão perto do fogo que Paul D. podia sentir o calor em seu vestido.(trad. MASSARO, 2000, p.18)

¹³ O quarto em que dormíamos lá em cima fora dos empregados dos brancos que tinham morado na casa. Antes de nós. Havia uma cozinha lá fora também. Vovó a transformou num depósito quando veio morar aqui. Tirou a porta que dava para ele, pois jurou que nunca mais entraria numa casa pelos fundos. Hoje em dia, qualquer um que queira entrar na 124 tem que usar a porta da frente. Vovó me contou que muitos caçoavam dela por ter transformado uma casa de dois andares numa cópia de uma cabana de escravos, onde se cozinhava dentro. E também que diziam que suas visitas com vestidos bonitos não iam querer se sentar num cômodo onde havia gordura e fumaça. Mas ela nunca ligou para isso. (trad. MASSARO, 2000, p.242)

exagerar na quantidade... O fogo parecia acender, baixar ou morrer de acordo com seus próprios esquemas...(MORRISON, 2003, p.41)

Se a citação acima não é ainda o bastante, tomemos *Paraíso (Paradise)*, onde o “forno” é quase um personagem da narrativa. A obra, localizada nas décadas 60 e 70 do século XX, apresenta um grupo de descendentes de escravos orgulhosos de sua tradição. Esta teria começado em 1890, quando um grupo de ex-escravos e seus filhos, saindo de Haven, fugindo da intolerância e do racismo, atravessam o deserto e fundam um quilombo, no Oeste dos EUA. Vale assinalar que Ruby, além de ser uma comunidade negra isolada dos brancos, é também intolerante e racista. Despojados de tudo, esfarrapados, famintos, os negros que fazem a travessia não levam quase nada... a não ser um forno, ou as pedras de um forno quase idolatrado por eles. O forno, originalmente construído em Haven, é desmontado e carregado, deserto afora, até a terra prometida – Ruby. Lá é montado e torna-se o principal símbolo do sagrado na comunidade, não obstante suas três igrejas protestantes. O forno é o lugar de reuniões, de decisões, é o sagrado em resumo.

Mas voltemos à 124.

A primeira manifestação de Beloved no romance, quando Paul D tenta expulsá-la, começa quando Sethe acende o fogo: *The stove didn't shudder as it adjusted to its heat.*¹⁴ (MORRISON, 1988, p. 18). Por outro lado, quando Beloved já está morando na 124, em carne e osso, no auge de sua briga com Sethe, seu principal ato de violência é jogar o atizador de fogo na mãe: *“In any case she [Beloved] substituted a snarl or a tooth-suck for waving a poker around and 124 was quiet.”*¹⁵ (MORRISON, 1988, p. 242)

A ruidosa 124 cai no silêncio quando Beloved começa a usar o atizador a fim de liberar seu rancor. Atizando o fogo – desta vez invisível – de Sethe, suas memórias, traumas e culpas, Beloved faz a ruidosa casa “cair no silêncio”, já que no fogo agora estão as recordações, o choro dos antepassados, a comunicação entre os vivos e os mortos, a “Palavra” tirada de Baby Suggs.

Assim, é nesta casa da Bluestone Road, na periferia de Cincinnati, sobrado de brancos e cabana de negros, que muitas vezes se reúnem em um fogo que floresce mudo, selvagem e ávido, como Beloved, de consumir tudo o que for capaz de alimentá-lo. É nesse lugar que

¹⁴ “O fogão não estremeceu ao se ajustar ao calor.” (trad. MASSARO, 2000, p. 29)

¹⁵ Então passou a substituir uma risadinha maldosa ou um suspiro irritado por um atizador, que brandia por qualquer motivo. E a 124 caiu no silêncio. (trad. MASSARO, 2000, p.283)

(não só) Beloved quer ficar: “ - What you gonna do?- Stay here. I belong here.”¹⁶
(MORRISON, 1988, p.76).

No fogo e na casa, a memória do trauma da escravidão é resgatada, trazendo possibilidades de releituras do passado e da História. E é ativando um desses arquivos de memória, no caso, da escravidão, que Morrison constrói, a partir de um fragmento da História, uma possível leitura da escravidão nos EUA.

Abstract: This article investigates the persistence of haunted houses and the presence of the fire in Toni Morrison's literature. For this purpose, the article approaches specifically on the haunted homes sketched by Toni Morrison, Afro-American author, in her novel *Beloved*, considering their relation with the fire. Parting from the traumatic memory of slavery, this work makes a theoretical discussion about the means of renegotiation of space by the silenced minorities in the process of national foundation and the past recovering as reconstruction of new meanings.

Keywords: House; Fire, Slavery

Referências bibliográficas

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

MORRISON, Toni. Beloved. New York: Plume, 1988.

_____. Amada. Tradução de Evelyn Key Massaro. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

_____. The Pain of Being Black. Interview with Bonnie Ângelo. Times. 22 May, 1989.

_____. O olho mais azul. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. Paraíso. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

RIBEYROLLES, Charles. Brasil Pitoresco: histórias, descrições, viagens, instituições, colonização. Edição Bilíngüe francês-português. 3 tomos em 1 v. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1859.

¹⁶ - O que vai fazer? - Ficar. Aqui é o meu lugar.” (trad. MASSARO, 2000, p. 93).

SELIGMANN-SILVA, Márcio. O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução. São Paulo: Editora 34, 2005.

SLENES, Robert. Na senzala, uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

_____. “Malungu, Ngoma vem!” África encoberta e descoberta no Brasil. Cadernos do Museu da Escravatura, Luanda, n. 1. Ministério da Cultura, 1995.

Abstract: This article investigates the persistence of haunted houses and the presence of the fire in Toni Morrison’s literature. For this purpose, the article approaches specifically on the haunted homes sketched by Toni Morrison, Afro-American author, in her novel *Beloved*, considering their relation with the fire. Parting from the traumatic memory of slavery, this work makes a theoretical discussion about the means of renegotiation of space by the silenced minorities in the process of national foundation and the past recovering as reconstruction of new meanings.

Keywords: House; Fire, Slavery